

Desmatamento no Cerrado pode inviabilizar agronegócio, afirma estudo

dinheirorural.com.br/desmatamento-no-cerrado-pode-inviabilizar-agronegocio-afirma-estudo

6 de dezembro de 2024



06/12/2024 - 9:59

Estudo mostra que, com a redução da cobertura vegetal nativa do bioma, quebras de safra estão se tornando constantes e podem piorar. **“É agrossuicídio”**, adverte o engenheiro florestal Argemiro Teixeira Leite Filho, professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sobre o que vem ocorrendo no Cerrado. Ele é um dos autores de um estudo publicado nesta sexta (06/12) pela revista científica Nature Sustainability, que mostra que, se os níveis de desmatamento seguirem elevados na região, o agronegócio ali se tornará inviável economicamente.

A pesquisa, realizada numa parceria da UFMG e com o centro de pesquisas americano Woodwell Climate Research, mostra que nenhuma outra savana do mundo tem sido tão destruída quanto o Cerrado brasileiro, que nos últimos 20 anos teve sua cobertura vegetal nativa reduzida de 127 milhões de hectares para 95 milhões de hectares, ao mesmo tempo em que a região viu as áreas agrícolas dobrarem — de 38 milhões de hectares para 77 milhões de hectares.

Com a tabulação de dados históricos e imagens de satélites, os cientistas contaram com a ajuda da inteligência artificial (IA) para excluir da métrica todas as causas que não fossem a destruição da vegetação — ou seja, o impacto de fenômenos como El Niño e La Niña foi desconsiderado. A conclusão é que o desmatamento está intensificando as mudanças climáticas na região.

Segundo um artigo publicado em fevereiro na revista *Nature Communications*, o Cerrado sofre de forma extremamente agressiva com o aquecimento global, acima da média global, e enfrenta sua maior seca em 700 anos. O impacto na agricultura, lembra Leite Filho, já é sentido, já que a região responde por 63% da produção do país.

Utilizando dados disponibilizados pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o engenheiro florestal ressalta que chuvas 50% abaixo da média resultaram em uma perda de 7,3 milhões de toneladas de grãos, principalmente de soja e milho, na safra de 2020/21. Na safra 2023/24, os resultados foram ainda piores: perda recorde de 11,9 milhões de toneladas de soja e uma redução de 10% na produção de milho — no total, um prejuízo estimado em cerca de R\$ 35 bilhões.

Seca e prejuízos

O estudo publicado nesta sexta indica que, com a redução da cobertura vegetal nativa do Cerrado, quebras de safra estão se tornando constantes, acompanhando o fato de que as chuvas diminuem.

“A relação causa-consequência é praticamente direta. Enquanto as mudanças climáticas globais são fruto de um efeito cumulativo de emissão de gases de efeito estufa ao longo dos anos, o clima regional e local é alterado instantaneamente quando se tira a vegetação”, esclarece Leite Filho. “Passou o trator, retirou a vegetação, imediatamente estão sendo alteradas características físicas e [no caso do Cerrado] retirando essa bomba de umidade para a atmosfera.”

Para demonstrar isso, os pesquisadores compararam a diminuição das chuvas em áreas com cobertura nativa e em áreas desmatadas do Cerrado. No primeiro caso, de 1999 a 2019 houve redução de 29,1 milímetros de chuva na época da primeira safra e 9,2 milímetros na segunda. Já nas áreas desmatadas — com mais de 80% da vegetação nativa já destruída — as quedas pluviométricas foram muito maiores: 90,5 milímetros e 109,1 milímetros, respectivamente.

Além da diminuição da chuva, há o atraso para a estação de sua ocorrência. Nas áreas desmatadas, foi observado uma demora de dez dias a mais a cada dois anos do período. Em áreas mais conservadas, com no máximo 20% de perda de mata nativa, esse atraso não ocorreu.

A explicação não é difícil de entender. “A vegetação nativa do Cerrado tem como característica raízes bastante intensas e profundas. Ela busca a água do lençol freático, retira essa água e a bombeia para a atmosfera”, explica o engenheiro Leite Filho. “Essa umidade cai em forma de chuva.”

“Quando essa vegetação nativa é retirada, uma série de características da superfície é alterada. Muda-se o quanto a superfície reflete o calor que recebe do sol, por exemplo”, complementa o professor da UFMG.

Negacionismo climático

O problema é que nem todos aceitam esses fatos. Estudo publicado em setembro na revista *Forest Policy and Economics* demonstrou que boa parte dos sojicultores acredita que a vegetação não tem nada a ver com a formação de chuvas e que tal associação não passa de teoria conspiratória criada por ambientalistas para prejudicá-los.

“Negam os fatos e se recusam a acreditar que o desmatamento está por trás da alteração no regime de chuvas”, afirma o biólogo Mairon Bastos Lima, pesquisador sênior do Instituto Ambiental de Estocolmo, na Suécia, e um dos autores dessa pesquisa, liderada pela gestora ambiental Rafaela Barbosa de Andrade Aragão, pesquisadora da Universidade Griffiths, na Austrália. “Então é preciso ainda compreender como orientar políticas antidesmatamento eficazes a partir desses dados. Não dá para achar que desmatadores vão ler isso e mudar de comportamento de repente.”

“O desmatamento causa aumento de seca porque a formação de chuva depende da evapotranspiração das plantas, isto é, da evaporação de água contida nas folhas”, acrescenta Lima. “As plantas guardam água. Solo seco, não.”

“Desmatou? Quando cair a chuva, essa água vai escorrer ou entrar pelo solo, e a evaporação para formar chuvas fica bem menor”, complementa o biólogo. “Com menos chuvas, como o estudo demonstra, a produtividade cai bastante. Todos perdem.”

Lima comenta que “argumentar isso parece lógico e convincente”. Mas salienta que “não se deve subestimar o quanto que o ceticismo com a ciência se espalhou entre a população, incluindo aí os produtores de milho e soja”.

“O setor no agronegócio é, de fato, o maior interessado em reduzir as taxas de desmatamento no Cerrado, mas ainda não consegue enxergar esta obviedade”, afirma a ecóloga Isabel Benedetti Figueiredo, coordenadora do programa Cerrado na organização não governamental Instituto Sociedade, População e Natureza.

Recuperação ainda é possível

Mas nem tudo são más notícias. Leite Filho acredita que a destruição do Cerrado ainda não seja um processo irreversível. “Acredito que ainda há tempo, mas a janela de oportunidade está se esgotando”, alerta. Atualmente, calcula-se que savana brasileira já tenha perdido pouco mais de 50% de sua cobertura nativa. “Com imagens de satélite, conseguimos ver que grande parte da paisagem é hoje dominada por culturas de grãos ou por pecuária”, comenta ele.

Lima concorda. “Ainda há a outra metade [do Cerrado] a preservar”, ressalta. “Além disso, há trabalhos de restauração que podem ser feitos. Isso é essencial, se quisermos manter a biodiversidade brasileira e as funções ecológicas e socioculturais que o Cerrado tem.”

“Para isso, é fundamental pensar e promover estratégias de desenvolvimento rural, modelos de negócio inclusivos e políticas públicas que gerem desenvolvimento a partir dos recursos do Cerrado, não da remoção deles”, argumenta.

A ecóloga Figueiredo adverte que “estamos chegando muito perto de um ponto em que o bioma vai colapsar e, quando isso ocorrer, todo o país será prejudicado, pois os biomas são todos interconectados”.

Mas ela diz acreditar que “ainda há como recuperar”. “Mas o primeiríssimo passo é parar de abrir novas áreas [para agropecuária] e aí, sim, começar a recompor a vegetação nas regiões com grandes maciços de desmatamento”, diz. Assim, a ecóloga vislumbra que o microclima regional poderá ser reestabelecido, “inclusive para reduzir as perdas que o agronegócio tem sentido ano após ano”.